

Crianças aptas a serem alfabetizadas? Contribuições da educação dos sentidos para o desenvolvimento integral

Children able to be literate? Contributions of Sensory Education to Integral Development

Niños preparados para la alfabetización? Contribuciones de la educación sensorial al desarrollo integral

Tiago Morais de Freitas¹

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos²

Resumo: Este estudo surgiu a partir da leitura e problematização da obra *Escola da Infância* de Comenius (2011), quando afirma que os pais que quiserem ter um doutor antes do tempo, algumas vezes terão um tolo. Diante de tal assertiva, a questão central deste artigo é quando alfabetizar as crianças? O que antecede a aquisição da língua escrita pela criança? O cerne da discussão versa sobre o processo de escolarização precoce, a prontidão para a alfabetização e iniciação ao mundo das letras, bem como a educação dos sentidos. O objetivo geral é analisar os aspectos que a criança apresenta, principalmente em torno de 4 a 6 anos e 11 meses de idade, para que ela possa ser alfabetizada. Dentre os objetivos específicos, fomentamos o despertar do olhar sensível e ampliado de educadores (as) e familiares, a partir dos contributos da educação dos sentidos. Este estudo de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico, revisita conceitos que abordam o desenvolvimento integral da criança a partir da abordagem Pikler (FALK, 2011), o processo de alfabetização e maturidade escolar, e a teoria dos sentidos na Pedagogia Waldorf. Concluimos que na primeira infância se encontra o germe de toda a vida humana e que o que amadurece é o corpo físico da criança. Despertar os sentidos volitivos (Tato, Vital, Movimento Próprio, Equilíbrio), as habilidades pessoais, interpessoais, a criatividade, e a confiança da criança são as bases para o desenvolvimento infantil integral.

Palavras-chave: Educação Infantil; Escolarização precoce; Alfabetização; Pedagogia Waldorf; Educação dos sentidos.

Abstract: This study arose from reading and problematizing the work *School of Childhood* by Comenius (2011), when he states that parents who want to have a doctor before their time,

¹Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil. Discente do curso de Licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Redenção, Ceará, Brasil. Contato: morais.freitas@aluno.uece.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9950-7167> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6636643883889846>

²Pós-doutora em Belas Artes pela Universidade do Porto - Portugal (2019). Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2009). Professora Adjunta do Instituto de Humanidade (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), atuando nos cursos de Pedagogia, Bacharelado em Humanidades e Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH). Contato: ramosjeannette@unilab.edu.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4017-0982>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6957831782058108>

will sometimes have a fool. Given such an assertion, the central question of this article is when to make children literate? What precedes the acquisition of the written language by the child? The core of the discussion is about the process of early schooling, the readiness for literacy and initiation into the world of letters, as well as the education of the senses. The general objective is to analyze the aspects that the child presents, mainly around 4 to 6 years and 11 months of age, in order to become literate. Among the specific objectives, we highlight the promotion of the awakening of the sensitive and amplified look of educators and family members, based on the contributions of education of the senses. This qualitative, bibliographical study revisits concepts that address the integral development of the child from the Pikler approach, the literacy process and school maturity, and the theory of senses in Waldorf Pedagogy. We conclude that early childhood is the germ of all human life and that what matures is the child's physical body. To awaken the volitional senses (Touch, Vital, Self-Motion, Balance), the personal and interpersonal skills, the creativity and confidence of the childhood are the basis for integral child development.

Keywords: Early Childhood Education; early schooling; Literacy; Waldorf pedagogy; Education of the senses.

Resumen: Este estudio surgió a partir de la lectura y problematización de la obra Escuela de la Infancia de Comenius (2011), cuando afirma que los padres que quieren tener un médico antes de tiempo, a veces tendrán un tonto. Ante tal afirmación, la pregunta central de este artículo es ¿cuándo hay que alfabetizar a los niños? ¿Qué precede a la adquisición de la lengua escrita por parte del niño? El núcleo de la discusión es el proceso de escolarización temprana, la preparación para la alfabetización y la iniciación en el mundo de las letras, así como la educación de los sentidos. El objetivo general es analizar los aspectos que presenta el niño, principalmente alrededor de los 4 a 6 años y 11 meses de edad, para poder ser alfabetizado. Entre los objetivos específicos, destacamos la promoción del despertar de la mirada sensible y ampliada de educadores y familiares, a partir de las aportaciones de la educación de los sentidos. Este estudio cualitativo y bibliográfico revisa conceptos que abordan el desarrollo integral del niño desde el enfoque de Pikler, el proceso de alfabetización y la madurez escolar, y la teoría de los sentidos en la Pedagogía Waldorf. Concluimos que en la primera infancia se encuentra el germen de toda la vida humana y que lo que madura es el cuerpo físico del niño. Despertar los sentidos volitivos (Tacto, Vital, Movimiento propio, Equilibrio), las habilidades personales e interpersonales, la creatividad y la confianza del niño son la base del desarrollo integral del niño.

Palabras clave: Educación infantil; Escolarización temprana; Alfabetización; Pedagogía Waldorf; Educación sensorial.

Introdução

*O meu conhecimento vem da infância. É a percepção do ser quando nasce.
O primeiro olhar, o primeiro gesto, o primeiro tocar, o cheiro, enfim.
Todo esse primeiro conhecimento é o mais importante do ser humano.
Pois é o que vem pelos sentidos. Então, esse conhecimento que vem da infância
é exatamente aquele que ainda não perdi. Os outros sentidos fomos adquirindo*

*porque era quase uma obrigação. Era como um calço.
(Manoel de Barros, 2008).³*

Em tempos de *datafication* (HOLLOWAY, 2020), de mensuração de “quase” tudo na vida escolar e em diferentes âmbitos sociais, trazemos para a cena do debate as crianças, seu desenvolvimento e o processo de iniciação à escolarização. Para início de conversa, partimos do pressuposto de que todo ser humano traz em si capacidades, habilidades e competências que podem ser desenvolvidas no decorrer da vida. Consideramos que a criança é toda força de vontade e seu organismo é totalmente sensorial, em constante processo de aprendizagem desde o nascimento, através dos fatores internos do corpo e do mundo externo ao seu redor. Concordamos com Manoel de Barros (2008) quando diz: *O meu conhecimento vem da infância. É a percepção do ser quando nasce. O primeiro olhar, o primeiro gesto, o primeiro tocar, o cheiro, enfim.* Tudo isso marca a primeira fase da vida e se estende pelo resto dela, e para isso precisamos estar atentos (as) aos nossos sentidos.

A problemática deste estudo surge a partir da leitura da obra *Escola da Infância* de Comenius (2011), na turma de Educação Infantil nos Países da Integração do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-lusofonia - UNILAB/Ceará. O autor (2011, p. 77), no século XVII, afirma que “Os pais que quiserem ter um doutor antes do tempo, raramente terão um bacharel e algumas vezes terão um tolo”. Diante de tal assertiva, a questão central deste artigo é quando alfabetizar as crianças? Quando ter o pasmo essencial (CAEIRO, 1993, pp. 2-3)⁴ de apreender o mundo e as relações por intermédio da língua escrita? Ao mesmo tempo, os desafios do mundo globalizado, letrado, a pressão dos organismos internacionais e nacionais e das famílias têm apontado que as crianças iniciem o rito da leitura e escrita, pré-requisito da inserção social contemporânea, o quanto antes. Antes, quando? O que antecede a aquisição da língua escrita pela criança?

³BOSCO, Martins; TRIMARCO, Cláudia; DIEGUES, Douglas. Entrevista publicada na revista Caros Amigos, nº 117, em 2008. Disponível em: <https://www.terapiadapalavra.com.br/uma-maravilhosa-entrevista-de-manoel-de-barros/>.

⁴Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa (1993, pp. 2-3), em seus versos, cita sobre o pasmo essencial que teria uma criança ao reparar que nascera deveras. Nas palavras do poeta “O meu olhar é nítido como um girassol. Tenho o costume de andar pelas estradas. Olhando para a direita e para a esquerda. E de vez em quando olhando para trás... E o que vejo a cada momento. É aquilo que nunca antes eu tinha visto. E eu sei dar por isso muito bem... Sei ter o pasmo essencial. Que tem uma criança se, ao nascer, Reparasse que nascera deveras... Sinto-me nascido a cada momento. Para a eterna novidade do Mundo”.

Crianças aptas a serem alfabetizadas é uma provocação. Na legislação brasileira são garantidos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para a etapa da Educação Infantil, são eles: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se (BRASIL, 2017). Nesse contexto, são inúmeras as práticas educativas realizadas pelos (as) educadores (as) seguindo os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017). Contudo, o que temos observado é que apesar da garantia das interações e brincadeiras como eixos estruturantes dessa etapa, o que tem acontecido nos espaços de atendimento de crianças, sobretudo na etapa pré-escolar (4 a 5 anos e 11 meses), é um sutil processo de escolarização precoce. A longo prazo, estes processos podem prejudicar o desenvolvimento de outras habilidades da criança, tais como, o desenvolvimento pleno de habilidades corporais, a capacidade de criatividade e o espírito artístico imbricado em cada ser, bem como a aprendizagem nas outras etapas de ensino.

A iniciação ao mundo das letras na transição do Século XX para o XXI está acontecendo de forma acelerada. No entanto, a atividade essencial e mais séria das crianças nos primeiros 7 anos é o brincar e a qualidade dessa ação. Corroborando com essa ideia,

Aquilo que anteriormente era ensinado no primeiro ano, hoje em grande parte já é abordado no jardim de infância. Os problemas que advém da escolarização precoce, já surgem em inúmeras pesquisas em vários países. Pesquisas constatam que crianças de quatro a cinco anos têm uma necessidade genuína de brincar e a qualidade e a quantidade do tempo de brincar têm influências posteriores sobre a capacidade de pensar, capacidade de decisão e a capacidade de lidar com situações difíceis (AMARANTE, 2009, p. 15).

A antecipação do currículo do ensino fundamental promove a alfabetização precoce. A não observância de aspectos relevantes da corporeidade da criança na primeira infância enfraquece o seu desenvolvimento pleno. Antes de inserir as crianças propriamente nas regras do mundo letrado é importante despertar nelas os seus sentidos, sem esquecermos que, enquanto educadores (as), esta tarefa também corresponde à autoeducação de si, a autopercepção dos nossos sentidos.

Este estudo de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico, revisita a bibliografia sobre o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos a partir da abordagem Pikler (FALK, 2011; TARDOS; SZANTO-FEDER, 2011), sobre o processo de alfabetização e maturidade escolar (AMARANTE, 2009; WISPLER, 2009; VERONEZI, 2011; KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011) e sobre a teoria dos sentidos na Pedagogia Waldorf para o desenvolvimento das

crianças nos 7 primeiros anos (STEINER, 1916; 1923; 1996; 2012).

Dessa forma, a intenção não é defender a invenção de indicadores, de padrões, nem de impor um olhar determinado sobre o desenvolvimento infantil ou proposta pedagógica, ao invés disto, a ideia que nos move é o despertar do olhar sutil de educadores (as) e familiares na dinâmica cotidiana do cuidar-educar-brincar e de aprender a ler e escutar a criança.

A princípio, discutimos sobre o desenvolvimento da criança, o que se entende por prontidão escolar, bem como a iniciação ao mundo das letras nos primeiros sete anos. Posteriormente, com base nas contribuições da Pedagogia Waldorf, apresentamos a educação dos sentidos como uma possibilidade para que nós, educadores (as), não nos limitemos apenas a visão, audição, olfato, tato e paladar. Os sentidos vão além, e estão distribuídos pelo corpo todo.

Dito isso, o objetivo geral é analisar os aspectos que a criança apresenta, principalmente em torno de 4 a 6 anos e 11 meses de idade, para que ela possa ser alfabetizada. Dentre os objetivos específicos, nos propomos a analisar aspectos do desenvolvimento integral, revisar os conceitos de maturação e prontidão escolar, e fomentar o olhar sensível e ampliado de educadores (as) e familiares, a partir dos contributos da educação dos sentidos.

(Des)envolvimento da criança, prontidão escolar e iniciação ao mundo das letras

Quando se fala de desenvolvimento, a primeira ideia é tirar aquilo que está envolto e colocar à mostra. Parafraseando o dicionário Michaelis (2017), este termo era usado antigamente como tirar do invólucro, descobrir o que estava envolvido, ou seja, desembrulhar, e atualmente designa fazer passar por um processo de crescimento, de evolução, de um estágio a outro. Em outras palavras é fazer progredir, aumentar a capacidade ou possibilidade de. A análise semântica da própria palavra “desenvolvimento” fomenta reflexão, por ser uma palavra composta “Des-envolvimento”, pode sugerir o processo de libertação ou de saída que cercam e prendem o ser humano e impedem a sua realização como ser individual, social e ambiental (PAIVA, 2009).

Na obra *Educação da criança*, Rudolf Steiner (1996, p. 21), cita que no momento do nascimento, o homem “[...] possui um envoltório materno físico, até a época da segunda dentição, isto é, até a idade dos 7 anos aproximadamente, ele está enlaçado por um envoltório

etérico e um astral. É só na época da troca da dentição que o envoltório etérico libera o corpo etérico”⁵. Dito de outra forma, é preciso que as forças que antes estavam direcionadas para (des)envolver o corpo físico e organização física da criança, despertando seus sentidos volitivos (Tato, Vital, Movimento Próprio, Equilíbrio), possam ser, agora, direcionados para a aquisição da leitura e da escrita, entre outros saberes e sentidos que serão apropriados e despertados no segundo setênio (7 a 14 anos). E assim, segue o processo de (des)envolvimento humano. Neste artigo iremos aprofundar sobre os quatro sentidos volitivos, por corresponderem ao período de 0 a 7 anos, ou seja, o primeiro setênio.

Para Maria Chantal Amarante, especialista em psicopedagogia e ex-professora do ensino fundamental e da educação infantil em escolas Waldorf no Brasil por mais de 30 anos, o desenvolvimento “[...] trata-se das mudanças qualitativas, como aquisição e o aperfeiçoamento de capacidades e funções, que permitem à criança realizar coisas novas, com mais habilidades e cada vez mais complexas” (AMARANTE, 2009, p. 5). Nesse sentido, é importante salientar que os aspectos observados buscam apreender o desenvolvimento integral da criança, ou seja, a percepção de um corpo físico, de uma materialidade que se desenvolve no decorrer do primeiro setênio. Por certo,

Contrariando a atual vocação da educação infantil, que orientada pelo signo do pensar intelectual utilitarista tem-se caracterizado por estimular a alfabetização linguística e matemática precocemente, a Pedagogia Waldorf defende que, uma vez que nesse estágio de desenvolvimento as crianças ainda não apresentam habilidades mentais necessárias à manipulação de símbolos, já que os prolongamentos de seus neurônios não completaram o processo de mielinização⁶, as crianças só sejam alfabetizadas a partir dos seis anos e meio (SILVA, 2015, pp. 108-109).

⁵Rudolf Lanz (2005) demonstra que os seres orgânicos possuem um corpo mineral ou físico, um corpo etérico e um corpo astral. O primeiro constituído de substâncias ou elementos químicos que também formam o mundo ao nosso redor. O segundo, formado por um conjunto de forças plasmadoras, embora não perceptível aos nossos sentidos comuns, atuam para manter a vitalidade e a conexão espiritual com este plano e o plano elevado. Para ele, "O corpo etérico mantém a vida e atua contra a morte" (Idem, 2005, p. 19). E por fim, o terceiro, que pode ser denominado também de corpo dos sentimentos, na relação do corpo com as forças planetárias. Uma capacidade superior dos seres humanos supra-sensíveis (LANZ, 2005).

⁶Trata-se do processo de revestimento dos axônios por uma capa ou bainha de mielina, substância lipoproteica que possibilita aumentar a velocidade da transmissão dos estímulos nervosos ou impulsos elétricos (sinapses), atribuindo maior eficiência na transmissão da informação pelos neurotransmissores. Uma vez que o processo de mielinização, que se inicia ainda no período embrionário, mais precisamente no sétimo mês de gravidez, estende-se até os seis/sete anos, a alfabetização precoce, ao estimular demasiadamente uma parte do cérebro racional, proporciona um grande desgaste para o sistema nervoso central, de modo a favorecer, posteriormente, o desenvolvimento de patologias degenerativas (SILVA, 2015).

Importa destacar também que essa orientação, inclusive, está de acordo com o que diz Piaget (1974) em seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo, segundo os quais até os seis/sete anos as crianças encontram-se no estágio pré-operacional, não demonstrando possuir recursos cognitivos e/ou neurológicos para operações objetivas. Corroborando com esta perspectiva a partir da dimensão do desenvolvimento da criança, Luiz Carlos Freitas (2015, p. 1) afirma que:

Antecipar a escolarização das nossas crianças é um crime, primeiro contra o desenvolvimento pessoal delas, e segundo contra o próprio país, pois esta é a idade propícia para o desenvolvimento de uma série de habilidades pessoais e interpessoais que são vitais para o favorecimento da criatividade e, como sabemos a criatividade é a base da inovação. Esta sim é vital para o desenvolvimento econômico do país.

Na interface entre o corpo que se desenvolve, a criança que tem o pasmo essencial de seus sentidos que despertam e do desenvolvimento sócio político da nação, familiares, pais e educadores (as) contribuem de modo significativo para o desenvolvimento da criança.

É fato que atualmente as crianças, de 4 a 5 anos e 11 meses (etapa pré-escolar), estão sendo inseridas ao mundo das letras de formas que não favorecem o seu desenvolvimento. A fase mais promissora para tal processo é a partir dos seis ou sete anos de idade, tendo em vista a maturação escolar da criança, tanto do ponto de vista biológico, quanto psicológico e intelectual. Caso contrário, a criança imita o adulto e se adequa às demandas, o que não significa que houve compreensão, aprendizado. A criança fora condicionada, a partir de estímulos, na maioria das vezes, repetitivos.

Como a criança do primeiro setênio ainda não desenvolveu, por natureza, sua capacidade de raciocínio, o educador não pode apelar para uma compreensão. Ele terá que apelar a um elemento nato, ou seja, a imitação. A criança aprende a se adequar aos apelos do mundo por meio da imitação das pessoas e das ocorrências ao seu redor (SAB, 2020, pp. 2-3).

O papel da família e dos educadores é de criar um ambiente saudável e favorável para o bem-estar, a vitalidade e o desejo de aprender de cada criança. Para Ignácio (2014, p. 40) “A criança pequena é inteiramente força e vontade. Ela só quer agir, transformar, brincar. Nunca para quieta”. No modelo Lóczy, por exemplo,

Emmi Pikler estava convencida que de que a criança que pode mover-se com liberdade e sem restrições é mais prudente, já que aprendeu a melhor maneira de cair; enquanto que a criança superprotegida e que se move com limitações têm mais riscos de acidentes porque lhe faltam experiências e desconhece suas próprias capacidades e limites (FALK, 2011, p. 18).

Experiência e liberdade são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia, das capacidades e dos limites. Para a pedagoga Gabriela Pohl (2009, p. 18), “Crianças aprendem a ser cuidadosas no fazer: seu medo de coisas reais e falta de confiança, geralmente são projeções dos adultos”. A autora continua denunciando que há “[...] elevado déficit emocional e social nas crianças, por falta de experiências reais”. Nas experiências vividas por elas há aprendizado, reafirmando a inspiração poética de Manoel de Barros, de que o conhecimento que vem da infância, que vem pelos sentidos, é o mais importante.

Para Falk (2011) há equívocos na direção e interpretação das descobertas sobre a capacidade precoce de aprendizagem das crianças.

Poderíamos evitar perigosos impasses se às descobertas feitas nas últimas décadas sobre a inaudita capacidade precoce de aprendizagem dos recém-nascidos e dos bebês não conduzem a uma direção equivocada: ensinar e condicionar engenhosamente e incansavelmente as crianças desde os primeiros momentos de vida, por um lado, com coisas que poderiam aprender melhor e apropriar-se delas sozinha, por iniciativa própria; e por outro lado, com coisas que as crianças aprendem apenas para contentar os adultos, sem entender seu significado (FALK, 2011, pp. 34-35).

Ciente da multiplicidade de perspectivas e a pluralidade de enfoques sobre a alfabetização de crianças, das críticas na década de 80 em torno da aceção de prontidão para a alfabetização, “[...] que apresentam procedimentos para dar à criança condições de ser alfabetizada [...]” (BRASIL/MEC/INEP/COMPED, 2000, p. 16), ou seja, que versa sobre os pré-requisitos para a alfabetização, o presente estudo contribui com uma concepção de prontidão escolar integrada aos aspectos do desenvolvimento do corpo físico, não necessariamente apenas das habilidades intelectuais exigidas das crianças desde a tenra idade. Em consonância com artigo de opinião quanto à realidade norte-americana,

Até recentemente, habilidades de prontidão escolar não eram uma prioridade na agenda de ninguém, nem a ideia de que os alunos mais novos poderiam ser desqualificados para passar para uma fase posterior. Mas o jardim de infância agora serve como um “porteiro” e não como um tapete de boas vindas para a escola primária e as preocupações com a preparação para a escola começam cada vez mais cedo. Uma criança que se quer que leia até o final do jardim de infância deveria de fato estar se preparando na pré-escola (FREITAS, 2015, p. 1).

Os termos prontidão e maturidade, neste estudo, são usados a partir da observação do desenvolvimento infantil. Conforme Amarante (2009), por prontidão entende-se que é o momento exato para a alfabetização da criança, ela pode ser percebida quando a mesma é capaz de realizar diversas atividades motoras, socializar com pessoas em diferentes lugares e

participar de tudo o que lhe é oferecido dentro e fora do ambiente familiar. A maturação é o desenvolvimento do organismo infantil, é a etapa do crescimento físico e cognitivo e da conquista do andar, falar e pensar (STEINER, 1923).

Na maioria das vezes, quando se fala em prontidão para a alfabetização, logo se pensa em leitura e escrita. Em nosso entendimento, a acepção de prontidão escolar é muito mais ampla. É perceber sensorialmente formas, é orientar-se no espaço, perceber direções, lateralidade e ter equilíbrio. É orientar-se no ritmo, é saber ouvir, estar atento, ter concentração, e sobretudo, é conhecer o sentido do que está percebendo; conhecer as palavras, suas relações e seu simbolismo. É poder controlar o corpo, inibir movimentos amplos para usar motricidade fina (BORDA, 2019), e para tudo isso, no ambiente escolar, é necessário liberdade, autonomia e preparo pedagógico por parte dos (as) educadores (as).

Dito isto, fica explicitado que não defendemos o retorno ou novos testes de prontidão, pois consideramos os processos, os aspectos, o despertar dos sentidos, a criança em si. Resultados, muitas vezes, são mecanizados e falseados (RAVITCH, 2011).

Ao transcender a leitura tradicional de prontidão, de desenvolvimento e do crescimento da criança, agregando aspectos no sentido corporal, relacional, social, emocional, da cognição, da percepção do meio, de si e do outro, entre outros, percebemos a importância da aprendizagem pelas experiências vividas. Wispler (2009, p. 28), pautando-se em bases antropológicas, revisita o processo de aquisição da linguagem escrita e da leitura demonstrando a pouca utilidade do termo “maturidade escolar” e questiona “[...] o que é que amadurece na criança, ou, o que capacita a criança a ir para escola, lá exteriormente, estar sentada silenciosamente e interiormente embarcar no processo de aprendizagem?”.

O que amadurece, como já vimos, é o organismo físico e o corpo físico da criança. Para a autora supracitada (2009, p. 32) “O recém-nascido não tem nervos amadurecidos capazes de funcionar: não pode perceber seus músculos e, por isso, não pode mover-se voluntariamente”. E segue o raciocínio afirmando que a criança madura, ao lidar livremente com os seus movimentos, compreende conteúdos de representação, pois as forças da inteligência estão à disposição. Dessa forma, concordamos que antes dos seis anos de idade, escrever não é a meta do processo do desenvolvimento da criança (VERONEZI, 2011).

[...] não se deve de maneira nenhuma colocar a criança na escola antes que complete 6 anos. Pode-se até, dependendo da índole da criança, antecipar ou prorrogar em meio ano ou um ano inteiro esse limite. Pois algumas árvores dão frutos na primavera, outras, no verão e outras ainda, no outono, as flores

precoces caem cedo e vemos as tardias amadurecerem melhor, da mesma forma que os frutos prematuros são para uso imediato e não duram muito, enquanto que as tardias são duradouras (COMENIUS, 2011, pp. 76-77).

Partindo dessas assertivas e dos estudos em tela, é importante que as crianças permaneçam na Educação Infantil até completarem os seis anos de idade, para que assim, aos seis ou sete anos possam ser iniciadas no mundo das letras. Para Amarante (2009, p. 4),

O sistema neurológico e motor da criança nessa fase se desenvolvem através da movimentação corporal, dos relacionamentos sociais, do impulso da criança de apreender o mundo e de aprender com o mundo. Por isso, a importância do cuidado com os diferentes estímulos externos que afetam e formam todos os órgãos internos da criança. As crianças deveriam ficar na educação infantil até completarem os 6 anos de idade, para que possam ter um desenvolvimento saudável; e atendidas em todas as suas necessidades.

Na primeira infância, a criança por volta dos 6 ou 7 anos em geral “[...] nos mostra estar apta e madura para a escola. Porém, ainda devemos respeitar a maior ou menor prontidão de cada aluno individualmente” (AMARANTE, 2009, pp. 14-15). Uma educação nesta perspectiva seria capaz de respeitar o tempo da criança, de considerar o seu desenvolvimento mediante as experiências que vão sendo vivenciadas. Contrário a isso, antecipar o processo de alfabetização contribui para que as crianças não vivenciam sua infância plenamente.

Na interação, no movimento livre, no brincar, a criança vivencia a linguagem tanto corporal quanto verbal, mesmo que ainda em poucas palavras nos primeiros anos de vida. A partir da experiência Lóczy, com base em estudos de observação da vida cotidiana de crianças de 0 a 3 anos: “A criança não brinca, vive. Vive muito seriamente, implicando-se completamente, envolvendo todas as suas funções e todas as suas emoções em cada ato, desde o nascimento” (TARDOS, SZANTO-FEDER, 2011, p. 42).

Na Educação Infantil, a ludicidade, a presença dos ritmos, dos movimentos corpóreos, e de brincadeiras livres que propiciem a conquista de habilidades, capacidades e funções devem ser a centralidade. Entendendo, desse modo, sua real importância no desenvolvimento integral da criança, guiando-a para o próximo passo a ser dado que é a escolarização, a alfabetização com o ingresso no ensino fundamental. Entretanto, tendo em vista a importância da leitura e letramento (PERTUZATTI; DICKMANN, 2019) para a construção identitária do indivíduo, na sua vida e inserção social, é importante mencionar que,

A educação infantil tem um papel importante na formação do leitor, uma vez que é seu objetivo garantir os direitos das crianças à cultura oral e escrita,

convivendo com gêneros discursivos diversos, orais e escritos (em especial a narrativa de histórias), e os mais diferentes suportes (em especial os livros literários). *É preciso que as crianças estabeleçam relações positivas com a linguagem, a leitura e a escrita, e que lhes seja produzido o desejo de aprender a ler e escrever.* Que as crianças possam aprender a gostar de ouvir a leitura, que tenham acesso à literatura, que desejem se tornar leitores, *confiando nas próprias possibilidades de se desenvolver e aprender.* (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011, p. 79). (Grifos nossos).

E esse processo, nesta etapa, deve acontecer por meio de práticas educativas que estimulem essas capacidades a partir da brincadeira.

Os processos de aquisição da linguagem na primeira infância são quatro: a escuta, a fala, a leitura e a escrita (FERREIRO; TEBEROSKY; LICHTENSTEIN, 1986). Dessas quatro habilidades que a criança desenvolve, duas delas se realizam no seio familiar, ou seja, a criança nasce no meio social e, neste, as famílias se expressam mediante uma ou mais línguas. Há crianças que já nascem em contextos bilíngues ou plurilíngues, como é o caso, por exemplo, dos países africanos. E nesse contexto da criança inserida no meio social falante de uma língua ou mais de uma língua, ela já desenvolve a capacidade da escuta e, progressivamente, de acordo com desenvolvimento físico, motor, psicológico, emocional e social, também vai adquirindo a competência linguística da fala. A partir da escuta, começa a se expressar.

A língua escrita e a leitura são conquistas que se realizam no meio escolar e são competências linguísticas que são complementares a escuta e a fala. Contribuindo com este debate, Amarante (2009) traz à tona a reflexão sobre a necessidade de respeitarmos o processo de desenvolvimento da criança e de suas necessidades antes da iniciação ao mundo das letras. A autora (2009) trata também da necessidade genuína de relacionamento que uma criança tem nas suas relações com o outro. Nesse sentido, para que possamos entender o desenvolvimento infantil é necessário saber que fatores interferem nesse processo. As relações que a criança estabelece com o ambiente e com o outro são indispensáveis no processo de ensino e aprendizagem (VYGOTSKY, 2001; WALLON, 1989).

Reafirmamos assim, a assertiva de que conhecimentos que vem da infância no despertar dos sentidos são os que ainda não perdemos e que alguns aspectos são relevantes e podem vir a indicar que a criança está apta a ser iniciada na língua escrita. Para tanto, o desenvolvimento de habilidades sensoriais é basilar para o desenvolvimento integral da criança no primeiro setênio, a primeira etapa escolar da vida, que é vivenciada na Educação

Infantil.

A educação dos sentidos: o dentro está fora e o fora está dentro

Todo o conhecimento é adquirido pelos sentidos. A partir da ciência moderna nós fomos educados que dispomos de cinco sentidos, são eles: tato, paladar, olfato, visão e audição. No entanto, há muito mais além do que os olhos podem ver e numa percepção ampliada de si, do cosmo, a Pedagogia Waldorf apresenta doze sentidos distintos. Segundo König (1971, p. 3), “Pelos esferas dos sentidos o ser humano não se relaciona apenas com o mundo circundante; os próprios sentidos despertam em nós qualidades anímicas⁷, que ainda não foram percebidas como tais”.

A criança, nos primeiros anos, é um organismo totalmente sensorial. Tudo o que no adulto está localizado nos sentidos, distribui-se na criança por todo o organismo. Para ilustrar:

Imagine-se o que de maravilhoso há num olho: como este capta o colorido do mundo exterior, formando interiormente uma imagem que nos permite ver. Isto é localizado, estando à parte de nossa vivência global. E então compreendemos com o intelecto aquilo que o olho cria de forma admirável e do qual é elaborada uma silhueta mental (STEINER, 1923, p. 2).

Na criança esta experiência é vivenciada em todo o corpo, ela vê com o corpo, ela sente o tato como o limite do próprio ser, ou seja, toda a pele, o toque e a sensibilidade do corpo. Esta teoria dos sentidos, sistematizada por Rudolf Steiner em meados de 1916, subdivide-se em três âmbitos, cada um contando quatro sentidos, que são denominados sentidos volitivo, emotivo e cognitivo, são eles:

Quadro 1 - Os 12 (doze) sentidos, segundo a Antroposofia.

Estruturação da teoria dos sentidos	Sentidos	Descrição
Sentidos inferiores ou volitivos: atuam principalmente na vontade enquanto atividade no primeiro setênio.	Tato	Contato com a pele, o toque, sensibilidade do corpo, limite do ser.
	Vital	Perceber o mundo e interagir com os elementos do mundo de maneira integrada.
	Movimento Próprio	Motricidade ampla e metabolismo.

⁷São características que fundamentam aspectos e particularidades da vida emocional do indivíduo e se manifestam no comportamento, atitudes e escolhas. Podem se manifestar como opostos, bem estar/desconforto, simpatia e antipatia.

	Equilíbrio	Trabalho manual, equilíbrio do corpo e postura.
Sentidos intermediários ou emotivos: trata da experiência direta do mundo sensorial que nos envolve, principalmente no segundo setênio. Desperta em nós simpatias e antipatias, amor e ódio.	Olfato	Contato com a essência de cada ser e reação a partir dos cheiros sentidos.
	Paladar	Sentir os sabores, qualidade, ritmo da mastigação.
	Visão	Visão, cores, claridade, sol na pele, calor luminoso.
	Calor	Respiração e ação, sensação térmica do corpo e do ambiente. Gerar calor, transmitir calor, evitar o calor.
Sentidos Superiores ou cognitivos: surge a experiência direta do Eu, do outro ser humano, principalmente no terceiro setênio.	Audição	Escuta, silêncio, vozes interiores, música, histórias, concentração.
	Palavra	Linguagem, arte, encantamento com as palavras.
	Pensamento	Ideias, discernimento, capacidade crítica.
	Eu	Espírito, ser anímico, o que diferencia o ser humano dos outros animais.

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de STEINER (1916; 2012).

Esta subdivisão é pautada na relação entre o corpo e o mundo. A educação dos sentidos são portais da percepção sensível que permite entrar em contato com o mundo interno e externo. Há, então, àqueles que se relacionam com a nossa natureza corpórea (tato, vital, movimento próprio e equilíbrio), da experiência direta do mundo sensorial que nos envolve (olfato, paladar, visão e calor) e àqueles sentidos cognitivos que despertam as percepções - Eu e o outro - (audição, palavra, pensamento e sentido do Eu) (KÖNIG, 1971).

Neste estudo, daremos destaque aos sentidos da natureza corpórea, que são fundamentais para o desenvolvimento da criança no primeiro setênio, ou seja, os sentidos inferiores ou volitivos.

O sentido do tato é a primeira grande vivência do ser humano em formação a partir do nascimento (WISPLER, 2009). Nesse processo, a criança experimenta o contato com a gravidade e os limites corporais. Tatear no processo de desenvolvimento da criança significa, antes de tudo, a possibilidade de experimentação do novo, a possibilidade de aprender e apreender tudo à sua volta, que é tocável. Importante reafirmar que a criança vivencia o mundo de maneira integral, pois no tato, no contato com a pele entendida como limite do ser,

há o câmbio entre o que está fora dentro e o dentro fora. Parafraseando Steiner (1916), o interior encontramos no exterior, o exterior encontramos no interior.

A atividade do sentido vital, por sua vez, em análise às condições de recém-nascidos, por exemplo, demonstra que a partir de necessidades essenciais do corpo, como a sede e a fome, o sentido vital é ativado para reparar as exigências básicas das sensações. De acordo com Wispler (2009, pp. 29-30) “Fome, sede, necessidade de sono, ele vivencia diretamente como algo que perturba seu estado de ser. É tudo isso inicialmente, um sentimento indefinido que somente pode ser exteriorizado por meio do choro”. Nesse sentido, o choro como linguagem corporal é despertado para manter a vitalidade do ser em formação. O choro é para o recém-nascido uma das primeiras formas de expressão e comunicação no seio familiar.

O bebê que, em seu lugar habitual, encontra, dia após dia, brinquedos e objetos familiares, têm a possibilidade, quase desde o nascimento e durante todo o seu primeiro ano (e nos seguintes), de exercitar e desenvolver as suas competências. Cada vez se faz mais hábil, cada vez aprende mais sobre os objetos que o rodeiam, sobre suas dimensões, suas formas, suas qualidades. Mas, sobretudo, *aperfeiçoa suas competências aprendendo a estar atento aos resultados de seus atos, aprende a aprender* (TARDOS; SZANTO-FEDER, 2011, p. 47). (grifos nossos).

Para o (des)envolvimento, aprendizado e exercício da autonomia da criança, a confiança e segurança são fundamentais. Geralmente, o cuidado excessivo de pais e educadores (as) não transmite a segurança necessária que a criança precisa para conquistar a liberdade de movimentação. A tentativa de realizar algo por si mesma, muitas vezes, é inibida pela presença do adulto, que infantiliza as habilidades, sobretudo corporais, da criança pequena. É, portanto, de suma importância que confiemos que ela é capaz de aprender com liberdade, e assim irá desenvolver a segurança afetiva, a consciência e autoestima. Isto posto, reafirma as palavras supracitadas de Kramer, Nunes e Corsino (2011), para que as crianças possam aprender confiando nas próprias possibilidades de se desenvolver. De acordo com a experiência Lóczy,

Na complexidade de fenômenos que determinam o desejo que a criança tem de ser ativa, é importante destacar que a atitude de respeito por parte do adulto por essa atividade. Isso implica a organização de um entorno estimulante em função de cada criança. Além do ambiente, outros elementos são fundamentais. Quando mostramos um respeito profundo por aquilo que a criança faz, por aquilo que ela se interessa - mas por ela mesma que por seus atos -, todas as nossas ações se tornam impregnadas de um conteúdo que enriquece a personalidade: desenvolve a segurança afetiva, a consciência e autoestima da criança (TARDOS; SZANTO-FEDER, 2011, pp. 51-52).

O sentido do movimento próprio, além de estar associado a segurança afetiva, consciência e a autoestima da criança, é importante para a próxima conquista, que é o equilíbrio. Ela consegue se perceber, perceber tudo em sua volta vivenciado o movimento. Para Wispler (2009, p. 32) “Um movimento aprendido depois de muito exercitar será acompanhado então pelo sentido do movimento, mas doravante sem consciência. [...] volta-se então para a aprendizagem de novos movimentos”. É como aprender a andar de bicicleta.

O despertar desse sentido permite também o amadurecimento da criança para a escolarização. As crianças “[...] que podem lidar livremente com os seus movimentos, também compreende conteúdos de representação e podem relacioná-los a outros, pois agora, estão a sua disposição forças da inteligência” (WISPLER, 2009, p. 32). Corroborando com essa concepção,

Para a criança, a liberdade de movimentos significa a possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de experimentar, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase do seu desenvolvimento, suas posturas e movimentos. Por isso, tem necessidade de um espaço adaptado aos seus movimentos, de roupa que não atrapalhe, de um chão sólido e de brinquedos que a motivem (TARDOS; SZANTO-FEDER, 2011, p. 48).

O sentido do equilíbrio é basilar para as etapas seguintes do desenvolvimento da criança e para sua alfabetização. Para aprender a ler e escrever precisa ter desenvolvido a capacidade de se manter em equilíbrio, de vencer a gravidade, de ficar de pé. Este influencia no modo como a criança será capaz de manusear a caneta, o lápis, o giz, etc. Para ilustrar, o movimento de pinça com os dedos é o que nos permite manusear os objetos.

Este sentido está diretamente relacionado à audição, sendo às funções do ouvido, fundamentais para a conquista da postura ereta. Esta postura nos permite se manter de pé, acordados para a vida. Para Wispler (2009, p. 33) “[...] trata-se de uma percepção profunda que ajuda a criança a aprender todos esses delicados movimentos que precisa executar para encontrar o equilíbrio e, mais tarde, poder mantê-lo em movimentos complicados”. Com o desenvolvimento do equilíbrio torna-se possível um pensar consciente (STEINER, 1916).

Calma e leveza também são predisposições para o ouvir consciente. Nós apenas ouviríamos ruídos indefinidos se não pudéssemos direcionar a atenção para aquilo que queremos ouvir. Necessitamos para isso de uma força de consciência que direciona para aquilo que quer ouvir. Terminado esse processo de percepção do equilíbrio, esse processo vai continuar a atuar inconscientemente. Sua força de percepção agora fica à disposição do ouvir, o “ouvir direcionado”. O sentido da audição direcionada surgiu a partir do sentido do equilíbrio. *A criança madura para a escolarização pode*

direcionar sua atenção para determinada coisa por sua própria vontade (WISPLER, 2009, p. 33). (grifos nossos).

Os sentidos podem ser percebidos durante todo o processo de maturação da criança. Dentre os sentidos volitivos exercitados, o equilíbrio é essencial para a inserção da criança na aquisição das habilidades de leitura e escrita, portanto, da alfabetização. Os sentidos “[...] são as portas de entrada da alma, eles abrem o mundo com os seus órgãos e sua atividade” (WISPLER, 2009, p. 28). E dessa forma, precisam ser desenvolvidos e se tornarem as bases para todo o processo de aprendizagem.

A organização corporal da criança e o despertar dos sentidos volitivos são a essência da educação no primeiro setênio. Isto possibilitará que haja forças livres para que as crianças possam se (des)envolver com plenitude, realizando novas descobertas e conquistas. Importa, então, que familiares, educadores (as) e comunitários despertem seus sentidos para aprenderem a ler a criança e perceber se estas conquistas estão consolidadas e quais aspectos elas expressam em seu cotidiano.

Na primeira infância se encontra o germe de toda a vida humana

O que nos encanta na construção do conhecimento é a possibilidade de releitura de um determinado fenômeno, e assim, o *vir-a-ser* de um novo trabalho de pesquisa, de descobertas. O conhecimento humano é ilimitado, está sempre aberto para novas compreensões em seu processo de construção, de percepção de si, do outro, dos fenômenos e relações.

Na produção deste estudo observamos em nós a experiência vivida na primeira infância, direcionamos nossa percepção para ampliação dos sentidos e inferimos que é necessário dar continuidade às pesquisas com aprofundamento das problematizações, provocações e reflexões. Há capacidades despertadas do (a) e pesquisador (a), tais como, a capacidade de concentração, do equilíbrio corporal conquistado, do domínio dos dedos sobre as teclas do computador e do pensar. A escrita do texto contou com coragem e ousadia, pois há movimentos científicos e políticos em torno da aquisição da leitura e da escrita na Educação Infantil (BAPTISTA, 2022).

Ao revisitar os objetivos e a questão central deste artigo: *quando alfabetizar as crianças?*, bem como as contribuições dos diferentes referenciais, desvelamos o novo em que a primeira infância é tecida e, neste, o germe de toda a vida. Segundo Steiner (1923, p. 4) a “[...] verdadeira educação não se trata de simplesmente olhar para o momento presente da

criança, mas de considerar toda a vida humana até à morte. Precisamos saber que na idade infantil se encontra o germe de toda a vida humana terrena”.

Comenius (2011), em pleno Século XVII, cita que se quisermos formar doutores, não devemos alfabetizar precocemente. A não observância de aspectos relevantes do desenvolvimento da criança pode favorecer o contrário daquilo que se deseja, ou seja, a criança apropria-se de coisas apenas para contentar os adultos, sem entender seu significado, reproduzindo-os. A revisão da literatura aponta que não é saudável e enfraquece a criança se insistirmos que ela aprenda as letras antes do tempo e que isto é um crime contra a infância. Na experiência de Manoel de Barros (2008), os outros sentidos fomos adquirindo porque era uma obrigação. Era como um calço!

O fomento ao letramento é compromisso do (a) educador (a) infantil. Nesta etapa da educação básica há tempo, espaço e interação para despertar o gosto, o prazer e a curiosidade da cultura letrada, de forma que proporcione uma aprendizagem que permita experienciar a sensorialidade dos objetos, o despertar dos sentidos, o movimento, o perceber/reconhecer cores e formas, a percepção corporal, o brincar, o brincar livre, dentre tantas outras possibilidades a serem exploradas para apreensão de si mesma e do mundo que rodeia às crianças. Sendo observados estes aspectos, despertados sentidos e conquistadas habilidades e capacidades, as crianças, dando continuidade na vida escolar, terão sucesso nos estudos e prazer de aprender.

A experiência Loczy nos ensina que a criança não brinca, ela vive, implicando-se completamente na brincadeira, e estas habilidades pessoais, interpessoais, e a criatividade, quando conquistadas, são a base para as conquistas ulteriores. Estes conhecimentos que vem da infância são pilares para a inovação e contribuem para o desenvolvimento econômico do país.

Ao resgatar conhecimentos da teoria dos sentidos, da percepção ampliada e integrada da criança, o que amadurece é o corpo físico, e então, uma das tarefas da educação infantil é observar o desenvolvimento e criar um ambiente saudável para que esta cresça com liberdade, autonomia e confiança. Para tanto, apontamos que educadores (as), pais e comunitários podem despertar em si um olhar mais sensível e, conseqüentemente, das crianças. É importante aprender a ler a criança que se apresenta em nós e para nós.

Isto posto, podemos dizer que uma árvore que não tem raízes bem desenvolvidas na terra, o que equivale à primeira infância, quando cresce, pode tombar. Conquistadas e desenvolvidas as qualidades dos sentidos do tato, vital, do movimento próprio e do equilíbrio, as crianças estarão aptas para se colocarem à disposição da alfabetização. Fortalecer as raízes da criança que habita em mim, em você e que cresce e amadurece ao nosso lado, é tarefa da educação.

Referências

AMARANTE, Maria Chantal. **Observação-desenvolvimento-maturidade das crianças de 6/7 anos de idade**. Editorial - Federação das Escolas Waldorf, 2009. Disponível em: < <https://silo.tips/download/editorial-a-coordenaao-do-periodico> > Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: **Ministério da Educação - MEC**, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf > Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

BOSCO, Martins; TRIMARCO, Cláudia; DIEGUES, Douglas. **Uma maravilhosa entrevista com Manoel de Barros**. Entrevista publicada na revista Caros Amigos, nº 117, em 2008. Disponível em: < <https://www.terapiadapalavra.com.br/uma-maravilhosa-entrevista-de-manoel-de-barros/> > Acesso em: 05 de maio de 2022.

BAPTISTA, Mônica Correia. AS CRIANÇAS E O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: CONSENSOS E DISSENSOS NOS CAMPOS DA ALFABETIZAÇÃO E DA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 16, p. 15-32, 2022.

COMENIUS, Jan Amos. **A escola da infância**. Tradução Wojciech Andzej Kulesza. 120p. (Clássicos). - São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência Lóczy**. 2a. ed. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana; LICHTENSTEIN, Diana Myriam. **Psicogênese da língua escrita**. Artes Médicas, 1986.

FREITAS, Luiz Carlos de. Educação Infantil: antecipar a escolarização é crime. **Avaliação educacional - Blog do Freitas**, 2015. Disponível em: < <https://avaliacaoeducacional.com/2015/02/07/educacao-infantil-antecipar-escolarizacao-e-crime/> > Acesso em: 08 de março de 2022.

HOLLOWAY, Jessica. Teacher Accountability, Datafication and Evaluation: A Case for Reimagining Schooling. **Education policy analysis archives**, v. 28, n. 56, 2020. Disponível

em: < <https://epaa.asu.edu/ojs/index.php/epaa/article/view/5026> > Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

KÖNIG, Karl. **O desenvolvimento dos sentidos e a experiência corporal**. São Paulo, 2000. (mimeo).

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 1, p. 69-85, 2011. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ep/a/vZGy5F6XjQ3C9rS4VvrcMXJ/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

PESSOA, Fernando. “**O Guardador de Rebanhos**”. em “Poemas de Alberto Caeiro”. [Heterônimo de Fernando Pessoa]. {Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor}. Lisboa: Ática, 1946; 10ª ed., 1993. Disponível em: < <https://www.revistaprosaversoarte.com/o-meu-olhar-e-nitido-como-um-girassol-alberto-caeiro-fernando-pessoa/> > Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

PIAGET, Jean. Aprendizagem e conhecimento. In: PIAGET, Jean., GRÉCO, Pierre. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 1974.

POHL, Gabriele. **Deixem as crianças livres - crianças necessitam de espaço para experiências e assim, serão adultos corajosos**. Editorial - Federação das Escolas Waldorf, 2009. Disponível em: < <https://silو.tips/download/editorial-a-coordenaao-do-periodico> > Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

STEINER, Rudolf. **Andar, Pensar, Falar: A atividade lúdica**. Tradução de Jacira Cardoso, 4. 1923. Disponível em: < https://gepepidotnet3.files.wordpress.com/2011/02/steiner_-_andar_falar_pensar1.pdf > Acesso em: 22 de outubro de 2021.

STEINER, Rudolf. **A educação da criança segundo a ciência espiritual**. São Paulo: Antroposófica, 1996.

STEINER, Rudolf. **A educação da criança do ponto de vista da ciência espiritual**. São Paulo: Antroposófica, 2012.

STEINER, Rudolf. **Os doze sentidos e os sete processos vitais: conferência proferida em Dornach (Suíça) em 12 de agosto de 1916**. Antroposófica, 1997.

STEINER, R. **GA 40, p. 107**. Palestra de 18/9/1916 do GA 171". Trad. VWS. Disponível em: < <http://www.sab.org.br/steiner/afor-autod.htm> > Acesso em: 14 de junho de 2020.

SAB. Sociedade Antroposófica no Brasil - **Princípios da Pedagogia Waldorf**. 2020. Disponível em: < <http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/369-principios-pedagogia-waldorf> > Acesso em: 15 de agosto de 2020.

SILVA, Dulciene Anjos de Andrade. Educação e ludicidade: um diálogo com a Pedagogia Waldorf. **Educar em revista**, n. 56, p. 101-113, 2015. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/er/a/9BdKCJfZZFSM9KkkwTFc6yD/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 11 de janeiro de 2022.

TARDOS, Ana.; SZANTO-FEDER, Agnes. O que é autonomia na primeira infância. In: FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência Lóczy**. 2a. ed. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2011.

VERONEZI, Ana Mirtiz. **A Alfabetização Precoce e Problemas de aprendizagem da língua escrita**. In: X Congresso nacional de educação - EDUCERE. Curitiba, 2011. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5761_3133.pdf > Acesso em: 24 de fevereiro de 2021.

VIGOTSKI, Lev. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância: A Importância do Movimento no Desenvolvimento Psicológico da Criança**. Estampa. Lisboa, 1989.

WISPLER, Renata. **O que é que amadurece afinal? Bases antropológicas para a maturidade escolar**. Editorial - Federação das Escolas Waldorf, 2009. Disponível em: < <https://silo.tips/download/editorial-a-coordenaao-do-periodico> > Acesso em: 12 de dezembro de 2019.